

O PROJETO “LÁ VEM HISTÓRIA”:
INFÂNCIA, LITERATURA E AUTORIA NO COTIDIANO DA ESCOLA

Elenilde Viegas¹
Tiago Ribeiro²
Carmen Sanches Sampaio³

Resumo

Este trabalho reflete sobre a relação entre leitura literária e autoria no processo de aprendizagem-ensino de crianças de uma escola pública da cidade do Rio de Janeiro. Traz narrativas e produções infantis para pensar essa relação tendo como referência o que narram as crianças. Aborda a necessidade de uma outra forma de compreender as crianças para a transformação da relação pedagógica e das pesquisas com a infância.

Palavras-chave: Infância. Autoria. Leitura Literária. Cotidiano Escolar. Experiência

Resumen

Este trabajo reflexiona sobre la relación entre la autoría y la lectura literaria en el proceso de aprendizaje-enseñaza de niños de una escuela pública en la ciudad de Río de Janeiro. Trae historias y producciones de los niños nos invitando pensar esta relación en función de lo que ellos se los narran. Aborda la necesidad de otra manera de entender a los niños para la transformación de la relación pedagógica y la investigación sobre la infancia.

Palabras clave: Infancia. Autoría. Lectura Literaria. Cotidiano Escolar. Experiencia

Introdução

Este trabalho nasce do encontro com a infância em uma turma de 2º ano de uma escola pública da cidade do Rio de Janeiro, o Colégio de Aplicação do Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro – CAp/ISERJ – no qual os autores deste texto desenvolviam pesquisa de forma colaborativa, sendo um deles

¹ Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UNIRIO (PPGEdu/UNIRIO). Professora da Escola Sá Pereira. *Integrante da Rede de Formação Docente: Narrativas e Experiências* (Rede Formad). viegas_lena@yahoo.com.br

² Doutorando do PPGEdu/UNIRIO. Professor do Colégio de Aplicação do Instituto Nacional de Educação de Surdos. Integrante da Rede Formad. trsunirio@gmail.com

³ Professora da Escola de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNIRIO (PPGEdu/UNIRIO). *Coordenadora e integrante da Rede de Formação Docente: Narrativas e Experiências* (Rede Formad). Pesquisadora do Grupo de Pesquisa: Práticas Educativas e Formação de Professores (GPPF/UNIRIO/Cnpq). carmensanches.unirio@gmail.com

professor do grupo. A escola atende, em sua grande maioria, crianças provenientes de favelas da grande Tijuca, além de bairros vizinhos.

Era a primeira turma com a qual Tiago atuava, após ter se formado em Pedagogia⁴. Trazia consigo todas as discussões realizadas durante a graduação e as reflexões tecidas no grupo de pesquisa de que participou durante o curso e ainda participa. Todavia, como traduzir, na prática, o que perseguia e acreditava? Como tecer uma relação pedagógica, com as crianças, na qual estas fossem legitimadas como sujeitos de direito, conhecimento e cultura? Como praticar a democracia na sala de aula, distanciando-se do adultocentrismo e do preconceito que nos habita? Seria possível experienciar, com as crianças, uma ação pedagógica que as convidasse a assumir o lugar de autoras de suas falas e pensamentos, de seus textos e seus processos de aprendizagem?

Estas eram as questões que perseguiram o professor recém-formado. E eram também os questionamentos que movimentavam Elenilde a realizar seu curso de mestrado, na mesma instituição onde Tiago realizara sua graduação e agora era também mestrando. Um feliz encontro. Encontro que resultou na entrada de Elenilde na turma de Tiago, para a realização de sua pesquisa.

Consigo, Elenilde levava a hipótese de que o contato, desde cedo, das crianças com a literatura possibilitaria um processo de aprendizagem outro, mais autoral. Também, acreditava que fazer parte de uma família leitora possibilitaria isso, ao passo que crianças cuja família fosse não leitora dificilmente gostariam dos livros. Haveria relação entre ouvir histórias desde cedo e gostar dos livros? Ter contato com a literatura na escola possibilitaria às crianças desenvolver o gosto pela literatura? - eram algumas indagações que Elenilde, carinhosamente chamada de Lena, se fazia. E essas mesmas indagações levaram-na para a sala do professor Tiago.

Este texto vai nesta direção: pensar na potencialidade do diálogo entre infância, literatura e autoria a partir do encontro entre pesquisadora, professor e crianças na sala de aula. Partilha reflexões construídas no bojo de uma pesquisa

⁴ Curso realizado na UNIRIO. Durante o curso, Tiago atuou como Bolsista de Iniciação Científica vinculado ao GPPF (UNIRIO/ CNPq) sob a orientação da professora Carmen Sanches.

longitudinal, realizada através do mergulho no cotidiano (ALVES, 2008), por meio de observação, registro no caderno de campo, das narrativas produzidas em situações de sala de aula ou fora dela, conversa com as crianças e professor e com estudantes e professora nos encontros do grupo de pesquisa, na universidade.

O Projeto “Lá vem histórias”: estórias do cotidiano da sala de aula

Em um dos encontros do grupo de pesquisa, aflita pela ansiedade em começar a realizar seu trabalho de campo, porém ainda sem ter em mente onde pesquisar, Lena falou da dificuldade que estava sendo, para ela, encontrar uma turma de 1º ou 2º ano (portanto ainda ciclo de alfabetização) na qual se trabalhasse a literatura como constitutiva do processo de aprender e ensinar a ler e a escrever.

Ainda naquele encontro, em abril de 2013, nossa orientadora deu a ideia: por que não realizar a pesquisa na sala de aula de Tiago, já que acabara de iniciar um projeto de literatura com as crianças? Logo Lena estaria adentrando os portões do Instituto de Educação, na Tijuca, e conhecendo a escola secular que lhe despertaria curiosidade e interesse.

Tiago já vinha experienciando o movimento de ler para as crianças e, porque amante da poesia, em uma das rodas de leitura, fez uma surpresa para a turma: leu um poema que escrevera para as crianças de sua turma, a 204.

Encantadas pela poesia escrita pelo professor, as crianças pedem mais e Tiago começa a trazer outros textos literários para a aula, mas, ainda insatisfeitas, reivindicam que também gostariam de trazer suas histórias. O professor, então, combina de fazer toda semana rodas de história, algumas nas quais lia textos levados por ele, e outras onde seriam lidos livros levados pelas crianças... Assim nasceu o projeto “Lá vem história”.

O projeto acontecia às segundas, quartas e sextas-feiras. Às quartas, Tiago trazia uma história para contar para a turma; às sextas a roda acontecia para que as crianças contassem suas histórias trazidas de casa, assim como escolher um livro

da escola para levar; e, nas segundas, as crianças partilhavam a leitura do livro que levaram para casa.

Neste movimento vivo, cheio de afeto e sentido, professor e crianças interagiam o tempo todo e muita aprendizagem ia sendo construída. As crianças escutavam as histórias com atenção. Em roda, sentavam ou mesmo deitavam nas esteiras e, de modo bastante livre e descontraído, encantavam-se com os livros lidos pelo professor. Podiam ouvir as histórias deitadas, sentadas, sem a exigência de permanecerem com o corpo imóvel e todas sentadas, como acontece em muitos espaços escolares. A leitura era para ser saboreada, não um momento de domesticação dos corpos.

Em uma das conversas entre Lena e Tiago, o professor contou como começara seu paixão pela literatura:

O trabalho com a literatura me encanta, eu sou amante da literatura, amo poesia, aliás, eu não costumava ler, não sou de uma família de leitores. Minha mãe e meu pai não sabiam ler. Comigo somos nove. Meus 8 irmãos não gostavam de ler. Eu lembro que eu ainda não era da escola, mas o meu irmão já era, ele era três anos mais velho do que eu e ele teve uma professora que me marcou muito: tia Clemilda. Eu via que tia Clemilda emprestava livros para casa. Meu irmão sabia ler, mas não lia e eu olhava os livros mesmo sem saber ler. Eu lembro de um livro que meu irmão levou chamado “A Bruxa Salomé”. Ele levou aquele livro e eu gostei tanto! Eu não sabia ler e ele leu pra mim mais ou menos e eu gostei tanto que todo final de semana ele levava aquele livro para casa e a professora dele acabou me dando (...) Eu conheço uma professora chamada tia Dalva. Ela era professora da sala de leitura da escola e eu ia tanto lá na hora do recreio que tia Dalva começou a me emprestar livros, mas nessa época não era comum emprestar livros para as crianças, estava começando esse movimento. Tinha um projeto de literatura na escola e a escola recebia umas coleções do governo, chegou a primeira leva na escola e eu estava lá. Chegaram mais coleções, aí tia Dalva me empresta o livro “O inventor de palavras”. O primeiro livro que tia Dalva me emprestou! Ela emprestou com tanto carinho! Eu fiquei apaixonado e comecei a levar de dois em dois livros para casa. Até que chegam, em outros anos, quatro coleções iguais e tia Dalva me dá uma coleção inteira para eu ficar para mim. Eu tenho até hoje lá em casa. Ah, eu amei tanto! Eu li aquela coleção, então eu passei a ser ajudante de tia Dalva e, quando entrei na oitava série, a gente criou juntos o jornal da escola, onde eu escrevia texto pro jornal, crônicas, poesias e aí não parei mais, fui embora e até hoje.. . E procuro trazer para as crianças um pouco disso. Para mim, isso é muito claro, depois que passo a ter contato com a literatura e que passo a ler muito, eu dou um salto qualitativo na escrita. (Tiago Ribeiro. Conversa transcrita. 04/12/2013).

A fala de Tiago afeta e modifica a hipótese inicial de Lena, fazendo-a perceber, ainda mais, que seu gosto pelos livros nada tem a ver com o fato de ter uma família leitora, mas por sua experiência na infância, uma experiência que traz marcas até hoje. Uma história de vida parecida com a da própria pesquisadora, que também fazia parte de uma família não leitora da palavra, analfabeta. Enfim, marca de uma história que Tiago leva para a sala de aula e que envolve, com sua paixão pelos livros, as crianças. Segundo Jacqueline Morais (2002),

(...) aprender a ler histórias seria, pois, uma ação cotidiana apaixonada. Não lemos Carlos Drummond de Andrade por hábito ou Clarice Lispector por disciplina. Lemos, ou desejamos ler, pela sedução que estes autores provocam, pela fantasia que alimentam, pela promessa de um encontro marcado com um tempo e um lugar: o da narrativa. (p. 87).

As rodas do projeto “Lá vem história” eram um lugar de encontros. Encontros com diferentes vozes que se entrelaçam e compartilham aventuras, fantasias, lembranças, alegrias, tristezas, receios e, principalmente, experiências. E, como diz Larrosa (2010), o encontro significa a condição de topar com aquilo que não se busca. As narrativas trazidas por Tiago e pelas crianças abrem possibilidades de diálogos e escutas. E, nesse encontro com o outro, professor e crianças se ajudam, pensam, questionam, ensinam e aprendem. Todos interagem nessa elaboração de conhecimento e aprendizagem.

Durante as rodas e propostas realizadas por Tiago, a pesquisadora vai acompanhando o grupo e, atenta, procura conhecer o que as crianças pensam sobre o universo literário. As relações de conflito e aprendizagens são constantes e Tiago procura mediá-las através de questionamentos e reflexões. A cada encontro com a turma, Lena vivencia uma atividade relacionada à literatura com desdobramentos diversos. Algumas vezes, Tiago apenas conta histórias de livros ou de sua própria memória; outras, conversa sobre a narrativa com o grupo, pede para desenhar, escrever ou fazer alguma atividade coletiva. Trazer clássicos infantis para a turma ouvir em CDs também era uma prática que agradava muito à meninada. Enfim, vivenciavam-se experiências distintas com a literatura, de modo

que esta não se transformava em um pretexto para a realização de uma atividade ou uma ferramenta para “relaxar” as crianças, porém como um disparador para a conversa, para o exercício do pensamento.

Concordamos com Carmen Sampaio (2008) quando diz ser a sala de aula um espaço “plural onde múltiplas formas de pensar, perceber, dizer, sentir, aprender, ensinar, criar se articulam, se (auto)organizam e se realimentam, no movimento incessante do conhecer” (p. 79). Mas, para que isto aconteça, é preciso que o professor possibilite o diálogo, legitime a fala das crianças, construa a aprendizagem em conjunto. Numa das atividades, Tiago traz para a roda uma história sobre animais e abre uma discussão sobre fábulas. O professor narra o acontecimento da seguinte maneira:

Eu levei pra eles a história de um jacaré que tinha um dente que doía e aí eu pergunto que história é essa. As crianças dizem que é uma fábula porque os animais falam, mas eu não fico no lugar do mestre explicador, de dar a resposta. Eu pergunto quem concorda. Isso é uma prática muito comum. Quem concorda, quem discorda. Vamos pensar nas fábulas? Que outras marcas têm? A gente foi trabalhando juntos e discutindo e as próprias crianças chegam à conclusão de que não era uma fábula porque fábula tem moral. (Tiago Ribeiro. Conversa transcrita. 04/12/2013).

Neste contexto, as crianças vão construindo sua aprendizagem através de discussões propostas em sala de aula e de suas próprias reflexões. “Elas chegam à conclusão” – afirma o professor! Segundo Fernandez (2011), esta perspectiva requer que o professor:

Abandone a posição de guardar para si o território de detentor/transmissor de um saber para se colocar, com os alunos, em outro território: o da construção de reflexões e, portanto, de conhecimentos a propósito da linguagem. Enquanto interlocutor de seus alunos, seus conhecimentos funcionariam como subsídios para a reflexão, na interação de sala de aula. (p. 221-222).

O professor não pode ser o detentor do saber, ficar no lugar do *mestre explicador* (RANCIÈRE, 2011), como diz Tiago. É importante uma interrelação de diálogo, reflexões e aprendizagens mútuas.

O que contam as crianças? Quando infância e literatura se encontram

Através de inúmeras atividades, as crianças vão (re)conhecendo diferentes tipos de histórias e envolvendo-se com a literatura. Quando o professor traz para a sala de aula a literatura, agrada bastante as crianças, que, normalmente, querem fazer parte da história e deixam as narrativas penetrarem em seu universo imaginário.

Segundo Patrícia Corsino (2010), a literatura amplia a possibilidade de interpretações, experimenta sentimentos e instaura a linguagem na sua dimensão. Sendo assim, será que as crianças da turma 204 também experimentam mundos distintos ao relacionarem-se com o texto literário?

Após acompanhá-las durante o semestre e participar dos momentos de pátio, das atividades de sala, dos diálogos em roda e das contações de histórias, Lena já se sentia mais próxima para conversar com as crianças. Sendo assim, pôde conversar com algumas delas, inicialmente. Depois, no movimento da pesquisa, todas queriam participar. Cumpre salientar que tivemos o cuidado de, no primeiro dia da entrada da pesquisadora na sala de aula, apresentá-la às crianças, conversar sobre a pesquisa e indagar quem gostaria de participar. Só depois do consentimento das crianças, enviamos declarações pedindo autorização aos pais. Todos os pais permitiram, no entanto, duas crianças preferiram não fazer parte da pesquisa. A decisão delas foi respeitada em detrimento da dos responsáveis pela compreensão de que elas são também sujeitos de direito (MELLO, 2009). Todavia, no movimento da pesquisa, posteriormente voltaram atrás da decisão e quiseram fazer parte da investigação, ao verem os colegas conversando diante do gravador.

Uma dessas conversas aconteceu com Bruna. Ela mora em São Cristóvão com seus pais, diz ter muitos livros em casa e lê quatro por dia. Também conta que lê sozinha, pois sua mãe lia para ela apenas quando era pequena. Quando pergunta-se o que pensa sobre as histórias, narra:

Eu penso que elas (as histórias) são muito legais para as pessoas aprenderem a ler. Pra aprender a ler e também saber as histórias, porque várias pessoas me perguntam nomes de histórias e tem que ler para saber dizer. Eu tô lendo e aprendendo mais histórias, aí eu posso contar pra meus colegas. Eu adoro muito, muito, mesmo. (...)Eu tenho um livro que só tem páginas escritas, só tem algumas

páginas com figuras e eu adoro livros assim. Eu adoro mesmo! O jornal só tem coisas escritas, ele fala sobre as coisas, ele não mostra as figuras porque, às vezes, não dá pra tirar foto.(...) Quando eu tô lendo um livro, eu sinto que eu tô lendo uma coisa pra mim mesmo, só pra mim e ninguém sabe qual é essa história. Eu adoro história e eu sinto que, como posso dizer, que a coisa mais legal no mundo é ler história. (...) Eu sempre quis entrar nas histórias, se eu entrasse eu ia enlouquecer! Agora eu tô repetindo todas as histórias que eu já li porque eu quero gravar (na memória), porque quando eu crescer eu quero ser professora, aí eu quero gravar muitas histórias pra quando eu crescer eu falar pros meus alunos. (Bruna. Conversa transcrita. 4/10/2013).

Bruna narra detalhes, parecia querer compartilhar todos os seus pensamentos e não deixar nenhum escapulir. Falava rápido e com perspicácia. Ela fazia questão de dizer a todo o momento o quanto gostava de livros e parecia relacioná-los a muitas de suas aprendizagens.

Vitor, outra criança, observa a conversa com os amigos e vai ao encontro da pesquisadora. Mora com seus pais, sua irmã e um tio. Diz que tem poucos livros em casa, somente três e ninguém lê para ele. Também diz gostar de história e esclarece:

Gosto porque são legais. Porque me sinto um personagem, como na história dos três porquinhos. (...) É importante para aprender ler mais e escrever. (Vitor. Conversa transcrita. 4/10/2014).

Muitas outras crianças também opinam, falam de seus modos de se relacionar com a leitura literária. É recorrente, em suas narrativas, contarem que se sentem “dentro das histórias”, como “um personagem de contos de fadas”. Talvez este sentimento ajude a algumas delas a criar intimidade com a literatura e se aproximar deste gênero. É comum observarmos seus registros recheados de elementos característicos desse gênero textual. Essas histórias abrem possibilidade para a criança imaginar, sonhar e (re)criar sua escrita. De acordo com *Benjamin a criança lida com os elementos dos contos de fadas de modo tão soberano e imparcial como com retalhos e tijolos. Constrói seu mundo com esses contos ou pelo menos os utiliza para ligar seus elementos.* (2002, p.69).

Assim como retalhos e tijolos, a criança vai tecendo, levantando sua construção de conhecimentos e, como os personagens das histórias que escutam, se aventuram na compreensão do mundo em que vivem. Desta forma, literatura e

vida se encontram e, nesse exercício, transitam pelo universo imaginário e rico de experiências.

As crianças da turma 204 também narram suas histórias de livros e de vida, dizem o que pensam sobre a literatura, como faz Bruna. A experiência que Bruna tem com a leitura literária é repleta de sentimentos e paixão. Ela se deixa tocar, se sensibilizar: “*Eu sempre quis entrar nas histórias!*” Sua narrativa confirma o que Benjamin (2002) fala quando declara que *não são as coisas que saltam das páginas em direção à criança que as vai imaginado – a própria criança penetra nas coisas durante o contemplar.* (2002, p.69).

Bruna quer memorizar as histórias que lê e escuta, inspira-se nas narrativas ouvidas em sala de aula para também poder contar aos seus alunos, assim como fez Tiago, ao ouvir as histórias de tia Dalva. Neste contexto, vamos aprendendo com Freitas (2003) ao dizer que *a experiência da leitura, portanto, não consiste simplesmente em decifrar o código de um texto e muito menos em lhe atribuir um único sentido* (p. 34). Deste modo, Bruna vem estabelecendo uma relação com a literatura muito além da aprendizagem da leitura e da escrita. Sabe que são “*legais para as pessoas aprenderem a ler*”, mas sua fala também deixa transparecer a relação de afeto e a importância que essa experiência representa para ela.

Tomar a palavra, expressar o pensar: autoria e diálogo no cotidiano da escola

Ao narrar as situações que acontecem, em muitos momentos do dia, as crianças revelam suas vidas, sentimentos e concepções. Professor e alunos(as) se (inter)relacionam nas suas experiências, que brotam das conversas coletivas constituídas desses encontros.

As narrativas das crianças estão carregadas de memórias significativas para elas e vão anunciando o que pensam. Convidando o outro a pensar também, inscrevem-se no mundo e tornam-se autoras de seu dizer. A fala de Tiago retrata estas situações e traz suas reflexões sobre o que pensa em relação à autoria e o modo como vai tentando tecê-la na sala de aula.

Eu penso que autoria tem a ver antes mesmo do aprender. Como eu definiria autoria? Autoria como ação de se inscrever no mundo antes da escrita, está na inscrição, na nossa inscrição como sujeito, como pessoa, sujeitos pensantes, criadores. Isto pra mim é autoria, e aí não tem só a ver com a escrita. É essa autoria que percebo na sala de aula com as crianças, onde as crianças possam ser autoras, possam dizer, nas suas falas, nos de seus textos, o pensamento, pensar por elas: “eu quero”, “eu gosto”, “eu não gosto”. Tem a questão também que estamos numa sala de aula, a gente vive aquele espaço coletivo e que muitas vezes temos que abrir mão, negociar o que a gente gosta, porque nem sempre é só a nossa vontade. Autoria como possibilidade de se inscrever no próprio mundo. É por isso que a literatura, eu acho, é importante nesse processo de se assumir como autor da fala e do pensamento. (Tiago Ribeiro. Conversa transcrita. 04/12/2013)

As palavras do professor Tiago nos convidam a pensar que autoria está para além da escrita, “vem antes mesmo do aprender”, “está na nossa inscrição como sujeitos pensantes, criadores”, “autor da fala e do pensamento”, “expressão da nossa fala”. Suas palavras coadunam com aos estudos de Flavia Lobão (2009). Segundo a autora:

(...) o aluno autor é aquele que consegue, a partir dos textos de que dispõe – e não apenas os textos escritos -, ou seja, de sua relação com o que já lhe foi dito, com os sentidos que já lhe foram apresentados, em diferentes situações de contextualização, (re)significar, criar outros sentidos, criativamente e criticamente se expressar, se posicionar, dizer, escrever, a sua palavra. (p. 93).

Essa ideia de autoria como forma de inscrição no que se fala, pensa, sente e escreve se dá a ver em algumas produções escritas de crianças da turma 204, produzidas em virtude de uma proposta de atividade na qual o professor pediu que às crianças respondessem à pergunta: “Como você se sente quando ouve histórias?”. Trazemos para este trabalho algumas dessas produções, além de narrativas orais transcritas de algumas crianças da turma 204.

Abaixo, a produção de Isabela, uma criança de sete anos falante, irreverente e determinada.

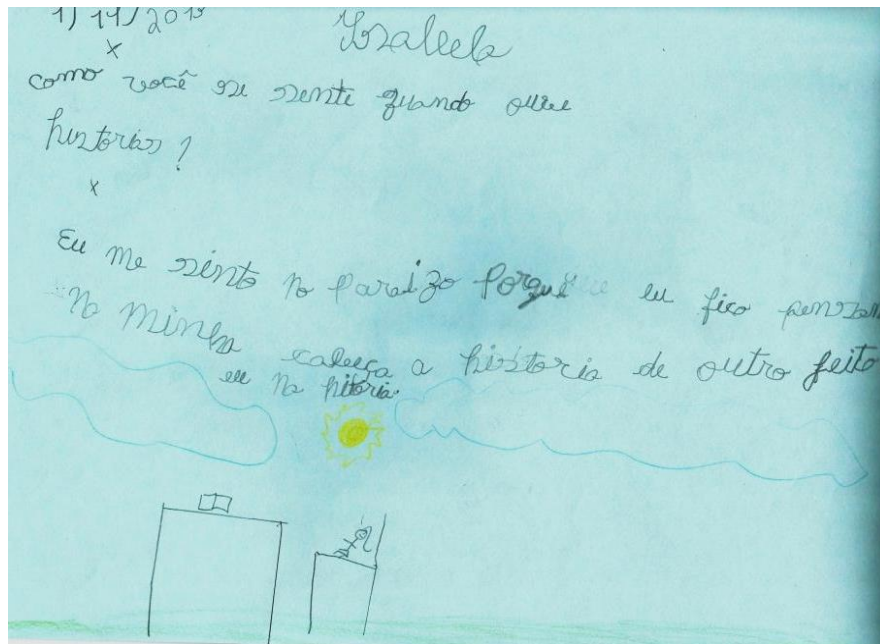


Imagem 1: Produção de Isabela

Após ver a produção de Isabela, a pesquisadora pergunta-a o que acha de histórias ouvidas ou lidas, ao que a menina responde:

Não gosto de história. Na verdade, não gosto de história de romance, porque não gosto que o príncipe faça as coisas para ela (princesa). Ele faz tudo e a gente não faz nada. Gosto mais de histórias assustadoras. É legal ficar com medo. Engraçadas porque me faz rir. (...) É divertido ler, a gente aprende. Quando lemos imaginamos na nossa cabeça. Tem livro que não tem desenho e imaginamos. (Isabela. Conversa transcrita. 4/10/2013).

A narrativa nos chama a atenção pelo fato de a menina dizer não gostar de histórias logo de cara. Talvez essa negativa seja um indício do movimento vivido na sala de aula: de poder dizer o que pensa, de expressar o que sente, como sente, de forma autêntica, sem precisar responder em virtude do que a escola esperaria ouvir. Isso aponta, ao nosso ver, para uma questão muito importante: a cidadania precisa ser um pressuposto e não um objetivo da relação pedagógica, isto é, as crianças precisam ter garantido o direito de falarem hoje, de se colocar, concordar ou discordar, pois a construção da autoria tem a ver com situações de diálogo, conflito e negociação, também.

Quiçá por isso Isabela não tema em dizer que não gosta de histórias de romance porque se sente incomodada com a maneira como o personagem do

príncipe é retratado nos contos de fadas. Fica claro que acha importante uma figura feminina ativa. Prefere as histórias engraçadas, assustadoras, onde possa interagir, movimentar seus sentimentos. É uma fala carregada de autoria, uma fala própria, única. Isabela não tinha nenhum receio em se expor, pois sabia que o espaço da sala de aula era para se expressar.

Outra criança que participou da conversa foi Lívia, uma menina mais reservada. Lena pergunta-a por que não quis participar da pesquisa (ela foi uma das duas crianças que optou por não participar). A essa pergunta, Lívia respondeu:

Não gosto muito de ler história, por isso não queria participar (da pesquisa). É porque tem um livro lá na minha casa que eu não gosto. Algumas das minhas histórias eu não gosto e outras aqui eu já acho engraçadas. A minha favorita da minha casa é a Chapeuzinho Amarelo. (...) Eu sinto que eu tô dentro de um livro, aí eu fico assustada com as coisas e acabo pegando no sono.

Embora, em nossa conversa, Lívia tenha dito que não gosta de ler histórias, na hora de fazer sua produção escrita, construiu o seguinte trabalho:

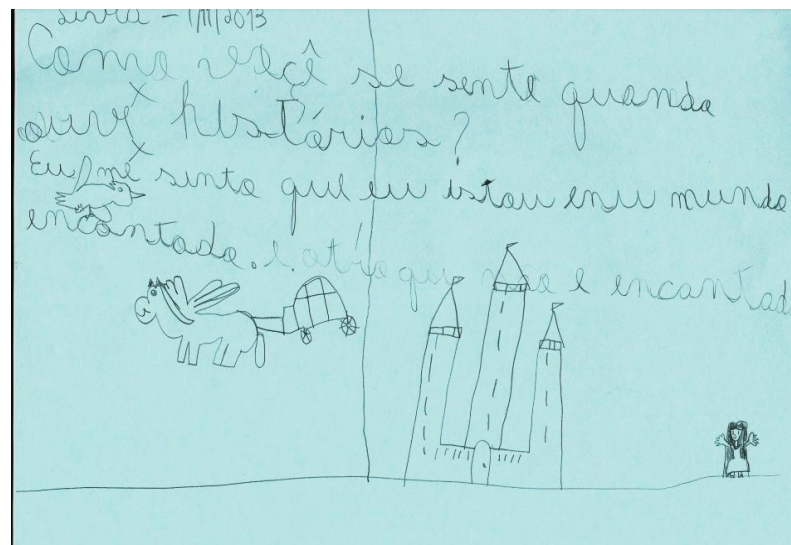


Imagem 2: Lívia escreve e desenha sobre como se sente quando ouve histórias.

Lívia não quer participar da pesquisa, a princípio, talvez por não querer divulgar que não gostava de histórias. Ou talvez por não se sentir segura para ler sozinha, embora omita esse dado da pesquisadora. Será que se preocupava com o que pensariam sobre ela? Não sabemos. Mas, na produção escrita que fez, diz que se sente em um mundo encantado. Quando conversamos mais para saber por que não gostava, deixou claro, em sua fala, sua posição, suas ideias, seu pensamento.

Disse: “*Porque eu queria falar, eu não consegui mais segurar a minha boca.*” E nem precisava, porque as crianças sabiam que naquele espaço escolar suas falas eram (re)conhecidas, todas tinham o direito à palavra, eram autoras do seu pensamento e do seu dizer. Não é à toa que quando Tiago traz os livros de história para contar, elas também pedem para trazer os delas!

São muitas e muitas as narrativas que poderíamos trazer aqui. Trazemos algumas. São narrativas de meninas e meninos, alguns com acesso a livros em casa, outros sem. Alguns que ouvem histórias em seus lares, outros que nunca tiveram a oportunidade de ouvir uma história para ninar. No entanto, pelo que as próprias crianças narram, vemos que não podemos estabelecer uma relação de causa e efeito entre ter acesso ou ouvir histórias em casa e desenvolver o gosto pela leitura. As experiências são várias e singulares, como na fala de Lucas, a seguir.

Tenho poucos. Minha mãe lê, às vezes. Eu gosto mais ou menos, porque às vezes eu não entendo. Gosto mais de livros com figuras. Mas gosto de ler Crepúsculo, mesmo sem figura. Fico feliz quando escuto história. (Lucas. Conversa transcrita. 4/10/2013).

“Fico feliz quando escuto história”. Que o cotidiano da escola possa ser isto: motivo de felicidade. Que o encontro com o outro, com a literatura possa suscitar nas crianças o desejo de criação, de invenção. Que a infância possa ser cada vez mais tomada pela própria infância, como potência, força, devir. Que a literatura devir criança, que a criança devir autora.

Estas narrativas mostram-nos o quanto estas crianças são autoras no seu dizer, no seu pensamento. Fazem questão de se posicionar, dizer o que pensam sobre a literatura em suas vidas, não se intimidam com as diferentes opiniões dos amigos.

Ao garantir espaço para que as crianças participem, o professor deixa evidente que, naquela sala de aula, a opinião e a participação das crianças são importantes e consideradas. Um amante da literatura, ele busca esse caminho para aproximar-se delas e envolvê-las nesse mundo mágico que tanto o encanta, mas sempre considerando o jeito como cada criança pensa e se relaciona com as histórias.

Através das propostas, as crianças vão dando sentido ao que aprendem e vão revelando suas marcas de autoria, seja na fala ou na escrita. Podemos ver que uma mesma história tem diferentes sentidos para as crianças. Uma mesma leitura tem muitas possibilidades de registro. Mesmo sendo o mesmo enredo, cada um vai ler, olhar a história de um modo. Cada criança imprime sua marca de acordo com o tipo de relação que faz, da maneira como leu.

O professor Tiago realiza diferentes propostas sob essa perspectiva e traz para o grupo a história *O coelho Pensante*, de Clarice Lispector. No livro, há uma incógnita: o coelho, que vive em uma gaiola, sai todo dia para passear. Mas, como ele consegue? Essa situação não é resolvida no livro, e o professor pede que as crianças escrevam e desenhem como elas acham que o coelho consegue sair.

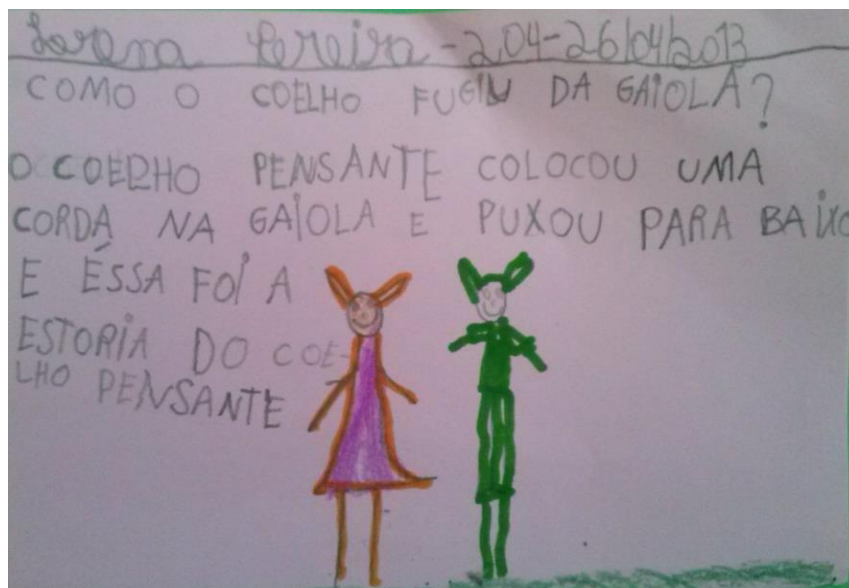


Imagem 3: produção de texto da aluna Lorena.



Imagem 4: produção de texto do aluno Antônio.

A atividade proposta pelo professor é feita através do ponto de vista das crianças, com a inscrição singular de cada uma. Inicialmente, a organização das ideias são mais importantes que as questões ortográficas, embora também sejam cuidadas, considerando o processo individual de cada aluno. Assim, o papel do professor é o de legitimar e ampliar os conhecimentos das crianças, compreendendo seus diferentes percursos de construção da aprendizagem e mediando sua relação com o conhecimento; exercendo, portanto, junto com as demais crianças, o papel de um olhar exterior que estranha o convida a pensar. Assim, as histórias vão permeando as opiniões, a construção da escrita e o processo de autoria de cada aluno e aluna, o exercício do pensar.

Todas as produções de textos das crianças e registros de sala de aula são valorizados e validados por Tiago, que acredita:

a criança precisa se assumir como autora da fala e do pensamento, vivendo experiências outras, de outros sujeitos que pensam, de outros modos que escrevem, e falam de outros modos coisas diferentes, tipos de textos, diferentes autores, para que elas vejam que não é um modo só de dizer... por exemplo, que em toda história não é preciso dizer “era uma vez”, toda história não precisa terminar “e foram felizes para sempre”. Para eles procurarem o modo que tem mais a ver com eles próprios. Mas eu só vou me assumir como sujeito autor, expressando minha fala e pensamento, quando eu também vivenciar diferentes e múltiplas possibilidades de marcas de autoria, porque se não, posso cair na

armadilha de só reproduzir a fala do outro, o pensamento do outro (...). (Tiago Ribeiro. Conversa transcrita. 04/12/2013).

Neste sentido, a literatura estabelece muitos (inter)locutores, instaura e amplia o espaço interdiscursivo, abrindo possibilidades de diálogos e trocas entre alunos(as) e professor, inaugurando novos momentos de interlocução e escrita. Nesta perspectiva, propostas de leitura e escritas são vivenciadas enquanto experiências e, como aborda Lobão (2009), é importante *pensá-las em sua dimensão formadora, humanizadora, como práticas que co-movem, atravessam a gente e transformam*. (p. 85).

Assim, aprender a ler e escrever, no encontro/ diálogo entre infância, literatura e autoria, está além da decodificação do código linguístico para as crianças da turma 204. Ao participarem de propostas carregadas de sentidos, falam e registram suas ideias, vivências e sentimentos. Desta forma, vão refletindo sobre a construção da escrita e, principalmente, (re)criando e (re)inventando novas histórias, deixando sua voz transparecer e exercitando-se como autoras no seu dizer e na sua escrita.

Palavras inconclusivas de uma conversa que continua...

Todas estas narrativas nos provocam a pensar na relação que a criança estabelece com a literatura e com o mundo no qual está inserida. Pensamos que ouvir o que elas contam sobre sua experiência com a leitura literária é aprender com elas, aproximar-se de seu universo e descobrir outros jeitos de “chegar à infância”, como nos provoca Bernadina Leal (2011).

Talvez seja o momento de buscarmos menos saber sobre a infância e mais aprender com ela, ouvi-la, construir, pensar junto. Parece-nos que a pesquisa em educação, bem como a prática pedagógica, já está saturada de falar pelo outro, de sumariar o outro, de explicá-lo, catalogá-lo, sobretudo quando esse outro é uma criança (RIBEIRO; RODRIGUES, 2015).

A tessitura desta investigação nos desafiou a (re)pensar nossos conceitos sobre a infância e rever nosso modo de olhar e escutar as crianças, principalmente

em relação às experiências que elas têm com a leitura literária. Suas narrativas nos ajudam a compreender o que pensam sobre a literatura e, principalmente, nos levam ao encontro delas. Não se trata de uma infância como tempo cronológico apenas, como uma fase da vida, mas como uma força torrencial de afirmação de si, como uma potência de presença no presente, como sujeito hoje, construtor de conhecimento, cultura e de sua própria história (*Idem*).

Ao ouvir as crianças, vamos compreendendo que a presença da literatura na sala de aula, não como uma atividade a mais a ser realizada para dar conta do que pede o professor, não como uma ferramenta de domesticação dos corpos ou de tranquilização dos sujeitos, porém como uma arte a ser saboreada, como fruição, possibilidade de diálogo, como convite a pensar junto. A literatura como abertura a novas leituras, encontro e desencontro, negociação abre espaço ao exercício da autoria, da diferença e da alteridade: *Uma nova leitura tem sua gênese nos olhos, na memória, nos desejos do leitor que mobiliza sua vida para emprestá-la ao texto e, ao mesmo tempo, aproveitar para que ele a redimensione* (YUNES, 2003, p. 13).

Que a escola possa ser, cada vez mais, esse espaço de redimensionamento do sujeito e do mundo. As narrativas das crianças da turma 204 apontam para esta possibilidade. Suas falas e escritas ensinam-nos que, no processo de intercambiar experiências, podemos nos conhecer, nos reconhecer ou nos estranhar no outro. Convidam-nos a perceber a nossa humanidade sócio-histórica, nos ajudam a reorganizar as histórias vividas e recontadas, assumindo-nos autores e autoras delas.

Por que não apostar numa escola que devir experiência? Numa relação que devir encontro e diálogo com a infância? Por que não apostar numa escola como experiência?

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. Decifrando o Pergaminho: os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, I. B.; ALVES, N. (orgs.) **Pesquisas nos/dos/com os cotidianos**. Petrópolis: DP *etAlii*, 2008.

BENJAMIN, Walter. Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação. São Paulo: Duas Cidades, 2002.

CORSINO, Patrícia. Literatura da educação infantil: possibilidades e ampliações. In: PAIVA, Aparecida; MACIEL, Francisca; COSSON, Rildo. **Literatura: ensino fundamental.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

FERNANDEZ, Marcela Afonso. Formando professores-leitores: modos de ler, viver a experiência estética e produzir sentidos a partir do gênero literário. In: ROIPHE, Alberto; FERNANDEZ, Marcela Afonso (orgs). **Gêneros textuais: Teoria e prática nos anos iniciais do ensino fundamental.** Rio de Janeiro: Rovel, 2011.

FREITAS, Maria Teresa Assunção. No discurso de adolescente, as práticas de leitura e escrita na escola. In: YUNES, Eliana. **A experiência da leitura.** São Paulo: Loyola, 2003.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana.** Danças, piruetas e mascaradas. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

LEAL, Bernadina. **Chegar à infância.** Niterói, RJ: EdUFF, 2011.

LOBÃO, Flávia. Autoria, infância e escola: na contracorrente. In: COELHO, Lígia Martha. (org). **Língua materna nas séries iniciais do Ensino Fundamental: de concepções e de suas práticas.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MELLO, Marisol Barenco. Lógicas Infantis: é a criança um outro? In: LOPES, Jader Janer Moreira; MELLO, Marisol Barenco. **“O jeito de que nós crianças pensamos sobre certas coisas”:** Dialogando com lógicas infantis. Rio de Janeiro: Rovel, 2009.

MORAIS, Jacqueline de Fátima dos Santos. Histórias e narrativas na educação infantil. In: GARCIA, Regina Leite. (org.). **Crianças, essas conhecidas tão desconhecidas.** Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante:** cinco lições sobre a emancipação intelectual. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

RIBEIRO, Tiago; RODRIGUES, Allan Carvalho. Infância(s) em Portinari: potencialidades para pensar uma escola em devir. **Revista Interinstitucional Artes de Educar.** V.1, N.1, 2015.

SAMPAIO, Carmen Sanches. **Alfabetização e formação de professores:** aprendi a ler quando misturei aquelas letras ali. Rio de Janeiro: WAK, 2008.

YUNES, Eliana. Leitura como experiência. In: YUNES, Eliana.; OSWALD, Maria Luiza. **A experiência da leitura.** São Paulo: Loyola, 2003.